

O animal no humano

Michel Mingote Ferreira de Azara, UFMG/Université Paris- Sorbonne (Paris IV), França/Brasil

Resumo: O conto “Meu tio, o lauretê” (1962), de Guimarães Rosa, problematiza a fronteira entre o homem e o animal, através de uma escrita intensiva, que busca desvelar o animal no humano. Dessa forma, pensar a animalidade em Guimarães Rosa, significa pensar aquilo que o filósofo francês Gilles Deleuze denominaria “Devir-animal”, conceito presente no texto 1730-Devir- intenso, Devir-animal, Devir-imperceptível..., e que seria da ordem de uma conjugação de um homem com um animal, sendo que nenhum deles se assemelharia ou até mesmo imitaria o outro, ou seja, não seria uma questão de metamorfose, mas de devires, atravessamentos e curto-circuito entre reinos. Nesse sentido, a filosofia de Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Georges Bataille servirão como escopo básico para que se reflita sobre a questão do eu e do outro, do homem e do animal, da identidade e da diferença. A problematização dessa questão, através da literatura, visa demonstrar como se dá, na narrativa literária, na linguagem, o questionamento do antropocentrismo, nas palavras de Derrida os “próprios do homem”, o que acarretaria na subsunção da potência da vida, pura, imanente.

Palavras-chave: animalidade, devires, literatura brasileira

Abstract: The story “Meu tio, o lauretê” (1962), from Guimarães Rosa, discusses the boundary between man and animal, through intensive writing, which seeks to unveil the animal in man. Thus, thinking animalism in Guimarães Rosa, means thinking what the French philosopher Gilles Deleuze would call “Becoming – Animal” which concept is present in a text from 1730 - Becoming - Intense, Becoming - Animal, Becoming – imperceptible..., and would be an order of combination of a man with an animal, none of which would be similar or even copy each other, in other words, it would not be a matter of metamorphosis, but becomings, crossings and short circuit between kingdoms. In this sense, the philosophy of Gilles Deleuze, Jacques Derrida and Georges Bataille serve as a basic scope to reflect on the question of self and other, man and animal, identity and difference. The questioning of this issue, through literature, aims to demonstrate how to give, in literary narrative, language, questioning of anthropocentrism, in the words of Derrida’s “own man”, which would result in the subsumption on power of life, pure, immanent.

Keywords: Animality, Becomings, Brazilian Literature

Meu sócia inferior na escala era, porém – a onça.

Guimarães Rosa, *O Espelho*

Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Legítima literatura deve ser vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”.

Guimarães Rosa

O filósofo francês Gilles Deleuze, ao questionar o antropocentrismo em seus conceitos, também se deparou com a questão do animal, dos confins do homem, e também da possibilidade de se pensar a relação homem/animal para além do antropomorfismo. No texto 1730-Devir- intenso, Devir-animal, Devir-imperceptível..., o filósofo apresenta o conceito de devir-animal. Ainda que, segundo ele, não se deve atribuir aos devires-animais uma importância exclusiva, uma vez que para além deles, encontram-se os devires-elementares, moleculares, im-



perceptíveis, a questão da animalidade, pensada na literatura, na linguagem, possibilita que se pense a própria vida, nua, imanente.

O devir-animal não seria da ordem da imitação, da representação, da mimese, mas de uma zona de indiscernibilidade, de vizinhança entre o homem e o animal, onde é impossível demarcar uma fronteira, um limite: é um encontro entre dois reinos, um curto-circuito, uma captura de código onde cada um se desterritorializa. Pensar o devir-animal do homem, nesse caso, significa se instalar nesse inter-reino, nessa contaminação mútua (homem/animal), nessa zona indeterminada, e não na passagem de um estado a outro, de uma forma a outra:

O ator De Niro, numa sequência de filme, anda “como” um caranguejo; mas não se trata, ele diz, de imitar o caranguejo; trata-se de compor com a imagem, com a velocidade da imagem, algo que tem a ver com o caranguejo. E é isso o essencial para nós: ninguém torna-se animal a não ser que, através de meios e de elementos quaisquer, emita corpúsculos que entrem na relação de movimento e repouso das partículas animais, ou, o que dá no mesmo, na zona de vizinhança da molécula animal. Ninguém se torna animal senão molecular (Deleuze, 1995: 66-67).

Uma das assertivas de Deleuze é a de que é pela escrita que nos tornamos animais. A escrita, em si, é um caso de devir, uma “linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante” (Deleuze, 1997: 12), um devir-negro da língua, devir-mulher, devir-índio, devir-outro, imperceptível. Ao sair “de seus próprios sulcos”, a linguagem tende a um limite assintótico, e o escritor inventa na língua uma nova língua, uma outra língua. Nesse sentido, é possível considerar o conto *Meu tio o iauaretê*, de Guimarães Rosa, através de um Devir-onça do protagonista, de uma contaminação entre homem e animal, da animalidade vista como potência, como vida.

O conto de Guimarães Rosa, escrito em 1962, apresenta um narrador em primeira pessoa, o onceiro, enviado à determinada região para matar onças, e que acaba sendo contaminado, arrastado por um devir-onça, ao entrar em contato com um interlocutor estranho à região. No ensaio *A linguagem do Iauaretê*, de 1962, Haroldo de Campos demonstra como o onceiro, ao contar histórias de onça, está também falando a linguagem desse animal, uma vez que “tupiniza” a sua própria linguagem:

“Eh, catu, bom, bonito, porá-poranga!” (onde: “catu” = bom; “porá” ou “poranga” = bonito) é a transcrição do “pensamento” da onça, por exemplo. Como explica o onceiro: “onça pensa só uma coisa – é que tá tudo bonito, bom, bonito, bom, sem esbarrar. Pensa só isso, o tempo todo, com-prido, sempre a mesma coisa só...”. (Campos, 2006: 61)

Pensar o devir-animal no texto de Guimarães Rosa significa pensar na contaminação da própria linguagem do onceiro, que ao lançar mão de interjeições, “resmungos onomatopéicos” e monossílabos tupi interpolados na fala do onceiro, de acordo com Haroldo de Campos, corrobora a metamorfose do onceiro em onça, vista por dentro, de um ponto de vista lingüístico. Além disso, a “metamorfose” também se daria no enunciado:

O caçador que não gostava de mulher mas tinha zelos de macho pela canguçu-fêmea Maria-Maria, acaba, arrastado por sua própria narrativa protéica, transformando-se em onça diante dos olhos de seu interlocutor (e dos leitores), como num filme de Val Lewton a protagonista se converte em pantera diante dos espectadores mediante um expediente de superposição de imagens. A transfiguração se dá isomorficamente, no momento em que a linguagem se desarticula, se quebra em resíduos fônicos, que soam como um rugido e como um estertor (pois nesse exato instante se percebe que o interlocutor virtual também toma consciência da metamorfose e, para escapar de virar pasto de onça, está disparando contra o homem iauaretê o revólver que sua suspicácia manteve engatilhado durante toda a conversa) (Campos, 2006: 61-62).¹

¹ Certamente Haroldo de Campos se referiu aqui ao filme “Sangue de Pantera” (Cat People), de 1942, dirigido por Jacques Tourner, produzido por Val Lewton e estrelado por Simone Simon, Kent Smith e Ton Conway. No filme, a protago-

Essa metamorfose, no plano do enunciado, entretanto, pode ser pensada de outra forma. Retomando as formulações de Gilles Deleuze, o devir-animal estaria numa conjugação de um homem com um animal, sendo que nenhum deles se assemelharia ou até mesmo imitaria o outro. A impossibilidade de atingir uma forma, uma identificação, implicaria na impossibilidade de uma metamorfose, da passagem de uma forma a outro, do homem ao animal. É a essa passagem de um estado a outro, de uma metamorfose, que o conceito Deleuziano se contrapõe, ao propor uma outra simbiose, uma outra relação entre homem e animal que passa pelos devires, atravessamentos, contaminações mútuas. O final do conto *Meu tio o iauretê*, chega ao limite do assintático, resmungos onomatopéicos, gemidos, indicam esse “curto-circuito entre reinos” que Gilles Deleuze mencionara, o “onçar” do protagonista se dá nesse apagamento de fronteiras, nessa indiscernibilização homem/animal:

Ei, ei, que é que mecê tá fazendo? Desvira esse revólver! Mecê brinca não, vira o revólver pra outra banda... Mexo não, tou quieto, quieto... Ói: cê quer me matar, ui? Ui ui, mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não... Ói, tou pondo a mão no chão é por nada, não, é à-toa... Ói o frio (...)
Ói a onça! (...) Eu – Macuncôzo... Faz isso não, faz não... Nhenhêhêm... Heeé!... Hé... Aar-rrã...
Aaãh... Cê me arrhóu... Remuaci... Rêiucãanacê... Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêê...
êê... êê... êê... (Rosa, 2001: 235)

Quando o onceiro coloca as mãos no chão, antes de imitar uma onça, ele é arrastado por uma vizinhança, por um curto circuito entre reinos e entra em uma outra relação com o animal:

Os devires-animais são, antes, de uma outra potência, pois eles não têm sua realidade no animal que se imitaria ou ao qual se corresponderia, mas em si mesmos, naquilo que nos toma de repente e nos faz devir, uma *vizinhança*, uma *indiscernibilidade*, que extrai do animal algo comum, muito mais do que qualquer domestificação, qualquer utilização, qualquer imitação: “a Besta”. (Deleuze, 1995: 72)

A questão da animalidade, pensada através do conceito Deleuziano, pode ser pensada enquanto potência: uma outra simbiose entre o homem e o animal:

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são os seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (Deleuze, 1995: 43)

Compor um corpo mais potente, no caso do conto de Guimarães Rosa, quer dizer dar um outro estatuto ao corpo do onceiro, que é contaminado pela potência animal da onça, que compõe, com o corpo da onça, esse outro corpo, que surge dos atravessamentos, trocas, devires.

O devir-animal é, de acordo com o filósofo francês, apenas um entre outros devires, porque o que está em questão não é a transformação, a identificação, a mimese, mas sim um descentramento do sujeito, do homem² o encaminhar-se em direção a um devir-imperceptível, a um “mundo das velocidades e lentidões sem forma, sem sujeito, sem rosto” (Deleuze, 1995: 77). Aqui também se encontra o que Gilles Deleuze vai chamar de “plano de imanência”, que escapa a toda transcendência, tanto do sujeito quanto do objeto. O que ocorre é um processo de singularização, a individualidade dá lugar a uma vida singular imanente, pura potência, neutra, experiência sem consciência nem sujeito: “A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal, e entretanto singular, que

nista Irena Dubrovna (Simone Simon) se casa com Oliver Reed (Kent Smith) e passa a sofrer com uma suposta maldição, que é a descendência de uma raça de mulheres-felinas que, quando estão emocionalmente fragilizadas, se transformam em panteras assassinas. Na película de Jacques Tourner, ocorre a superposição de imagens mencionada por Haroldo de Campos, quando a personagem se transforma em uma pantera, sob o olhar dos espectadores.

² Nesse sentido é que não haveria um “devir-homem”, uma vez que este, nas palavras de Gilles Deleuze, é “majoritário por excelência”, enquanto que os devires são de outra ordem, são minoritários, devires menores. O escritor é aquele que cava uma espécie de língua estrangeira dentro da própria língua, uma minoração dessa língua maior que traz à luz novas potências gramáticas ou sintáticas.

desprende um puro acontecimento, liberado dos acidentes da vida interior e da vida exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade daquilo que acontece” (Deleuze, 1995: 2-3). Esse apagamento do humano, essa zona pré-individual, desvela a vida, pura potência, imanência absoluta.

De acordo com Georges Bataille, a animalidade é o imediatismo, a imanência. O animal está no mundo como a água está na água, e essa situação é dada quando um animal come o outro; “Não se trata de um semelhante conhecido como tal, mas do animal que come ao animal comido não há transcendência” (Bataille, 1995: 20). O animal que come e o comido não se distinguem, eles pertencem ao mesmo meio como a água na água. Ainda de acordo com o filósofo, a poesia seria uma das vias possíveis para se abordar o animal, uma vez que este, não sendo simplesmente coisa, também não é para nós totalmente, “fechado e impenetrável”: “Ou melhor, a maneira correta de falar dele só pode ser abertamente poética, já que a poesia não descreve nada que não deslize para o incognoscível” (Bataille, 1993: 11). O pensamento de Gilles Deleuze se aproxima da teoria de Georges Bataille quando aquele afirma que é através da escrita que nos tornamos animais, e também quando apresenta o conceito de imanência. No entanto, para o filósofo francês, esse conceito vai um pouco além da questão da animalidade, ao evocar essa zona pré-individual, neutra, impessoal, ou seja, a própria vida:

Pode-se dizer da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada diferente disso. Ela não é imanência à vida, mas o imanente que não existe em nada também é uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa. (Deleuze, 1995: 3)

A escrita, em seu processo de devir, sempre inacabado, em processo, consegue captar essa potência da vida, de uma vida, que já não diz respeito a um sujeito, mas a uma potência singular, uma vida singular imanente. Nesse sentido é que os devires animais dão lugar aos devires intensivos, imperceptíveis, moleculares. E é na escrita, na linguagem que ocorre esses atravessamentos, essa potência da própria vida. Como salienta a pensadora Maria Esther Maciel, com relação aos textos das escritoras Clarice Lispector e Astrid Cabral,

O encontro/identificação com o animal aponta para um movimento que não é necessariamente o da imitação, o da alegoria ou da transformação física do humano em animal não humano, mas um trespassamento íntimo de fronteiras, que abre o humano para formas híbridas de existência. (Maciel, 2011: 92-93)

Esse “trespassamento íntimo de fronteiras” pode ser observado no conto de Guimarães Rosa. O onceiro, encarregado de desonçar determinada região, acaba sendo contaminado, arrasado por um devir-onça que, como fora dito anteriormente, aflora na superfície da linguagem, na fala do onceiro que se autodenomina “bicho do mato”, parente de onça, “onça é meu tio, o jaguarretê” e até ele mesmo como onça: “Eu sou onça...Eu-onça!”:

De noite eu fiquei mexendo, sei nada não, mexendo por mexer, dormir não podia, não; que começa, que não acaba, sabia não, como é que é, não. Fiquei com a vontade... Vontade dóida de virar onça, eu, eu, onça grande. Sair de onça, no escurinho da madrugada... Tava urrando calado dentro de em mim... Eu tava com as unhas...Tinha soroca sem dono, de jagaretê-pinima que matei; saí pra lá. Cheiro dela inda tava forte. (Rosa, 2001: 223)

O sujeito sem lugar, confinado no meio da mata, atinge certo imanentismo no seio da natureza, devém-onça, intensifica o liame do homem com o animal, ou melhor, já não se distingue quem é animal e quem é humano, uma vez que: “só a vida cria tais zonas, em que turbilhonam os vivos, e só a arte pode atingi-la e penetrá-la, em sua empresa de co-criação. É que a própria arte vive dessas zonas de indeterminação (...)” (Deleuze, 1992: 225).

REFERÊNCIAS

- Bataille, Georges (1993). “A Animalidade”. In: *Teoria da religião*. Trad. Sérgio Góes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Ática.
- Campos, Haroldo de (2006). “A linguagem do iauretê”. In: *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, Gilles (1992). *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34.
- (1995). 1730-Devir-intenso, Devir-animal, Devir-imperceptível. In: *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4, Rio de Janeiro: editora 34.
- (1995). *A imanência: uma vida*. Trad. Alberto Pucheu e Caio Meira. Disponível em: <http://www.lettras.ufjf.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acesso em: 2/1/2012.
- (1997). *Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34.
- Maciel, Maria Esther (org) (2011). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis, Editora da Ufsc.
- Rosa, João Guimarães (2001). “Meu tio o iauretê”. In: *Estas histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SOBRE O AUTOR

Michel Mingote Ferreira de Azara: Sou Doutorando em literatura comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possuo graduação em Letras pela Ufmg (2007) e mestrado em teoria da literatura, literatura e outros sistemas semióticos, também pela Ufmg (2010). Pesquisa, dentre outros temas, as relações entre literatura, cinema, artes plásticas e fotografia, além da questão do espaço urbano, das deambulações e flâneries. Minha Tese de doutorado reflete acerca da apreensão das paisagens urbanas, através do olhar dos personagens, mas também tenho escrito e pesquisado sobre a questão da animalidade, tanto na literatura quanto no cinema.